

A noção husserliana de consciência intencional e suas origens

The husserlian notion of intentional conscience and its origins

Michelle Silvestre Cabral*

RESUMO: Através da investigação do conceito de consciência intencional pretende-se enfatizar a especificidade que circunscreve a região da consciência em sua acepção fenomenológica. Ao analisar as origens de tal conceito e o modo como Husserl se apropria e, conseqüentemente, reformula-o, num primeiro momento no texto das *Investigações* e, posteriormente, nas *Idéias*, se acredita ser possível delinear o próprio movimento de radicalização de seu pensamento, no que tange a determinação da fenomenologia como idealismo transcendental. Ou seja, tratar-se-á da noção de consciência almejando apresentar o modo como a compreensão husserliana de tal noção determina e direciona sua própria concepção de fenomenologia. Através dessa análise, acreditamos poder demonstrar como a abordagem adotada por Husserl com relação ao tema da intencionalidade da consciência acaba desencadeando uma clarificação dos supostos ontológicos presentes, de modo neutro, em 1900, e numa postura filosófica assumidamente idealista transcendental nas *Idéias*, de 1913, e obras posteriores.

PALAVRAS-CHAVE: Fenomenologia. Consciência. Intencionalidade.

ABSTRACT: Through the investigation of the concept of intentional conscience it is intended to emphasize the specificity that circumscribes the region of the conscience in its phenomenological meaning. When analyzing the origins of such concept and the way as Husserl if appropriate and, consequently, reformulate it, at a first moment in the text of the *Investigations* and, later, in the *Ideas*, if it believes to be possible to delineate the proper movement of radicalization of his thought, in what it refers to the determination of the phenomenology as transcendental idealism. That is, one will be about the conscience notion longing for to present the way as the husserliana understanding of such notion determines and directs his own conception of phenomenology. Through this analysis, we believe to be able to demonstrate as the boarding adopted by Husserl with regard to the subject of the intentionality of the conscience finishes unchaining a clarification of the ontological presumptions present, in neutral way, in 1900, and in a philosophical position acknowledged idealistic transcendental in the *Ideas*, de 1913, and later works.

KEYWORDS: Phenomenology. Conscience. Intentionality.

Introdução

A fenomenologia husserliana, como toda grande corrente do pensamento, traz consigo uma gama de conceitos próprios a sua estrutura, os quais acabam se tornando insígnias muitas vezes incompreendidas em seu íntimo significado. A noção de intencionalidade da

* Mestranda em Filosofia –UNIOESTE – Bolsista da Fundação Araucária. Contato: michellescabral@hotmail.com

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 1	Junho 2010	p. 120-138
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

consciência, por exemplo, na forma como é abordada pelo pensador alemão, pode ser entendida como uma dessas noções-chaves que, embora sejam tratadas, em alguns casos, apenas como adereço supérfluo, vazio de significado, se constitui como um conceito indispensável à adequada compreensão do método fenomenológico. Tal conceito, embora não seja originado no interior do pensamento fenomenológico, carrega um sentido cunhado pelo próprio Husserl a partir da necessidade premente de estabelecer designações fixas e bem determinadas que dessem conta de retratar exatamente o que aparece ao olhar investigador do fenomenólogo.

Já nas *Investigações*, em 1900, a intencionalidade é descrita como uma estrutura geral dos vividos de nossa consciência. A preocupação sobre o modo como a consciência se relaciona às coisas é o tema central que permanece durante todo o processo de desenvolvimento do pensamento fenomenológico, podendo ser afirmada como questão fundamental para a fenomenologia. Posteriormente, em 1913, no texto de *Idéias*, Husserl descreve a intencionalidade como “tema fenomenológico capital”¹. Acredita-se que uma explicitação suficiente do conceito de intencionalidade e, além disso, de uma compreensão de seu sentido originário e do domínio de investigação que este problema circunscreve à fenomenologia, se faz necessário para que se possa conceber seu adequado papel no interior da filosofia de Husserl.

A noção de intencionalidade (*Intentionalität*)², advinda do substantivo *intenção*³, possui sua raiz latina no vocábulo *intentio* e é elaborada, anteriormente à fenomenologia, pelos filósofos da Idade Média, principalmente na Escolástica. Com os medievais, o conceito foi utilizado inicialmente no âmbito da moral, mas, posteriormente, foi também aplicado à gnosiologia, até que Franz Brentano reutiliza-o na fundamentação de sua Psicologia do Ato. A complexidade envolvida na reformulação husserliana deste conceito se dá por meio da herança da escola medieval e, sobretudo, através do psicologismo de Brentano. Nisto, o que se observa é que desde Tomás de Aquino, Duns Scot, Suárez, até à apropriação do

¹ HUSSERL, E. *Idéias para uma Fenomenologia Pura e para uma Filosofia Fenomenológica: Introdução geral à fenomenologia pura*. Tradução: Márcio Suzuki. Aparecida: Idéias & Letras, 2006, p. 189.

² *Intentionalität*, traduzido tradicionalmente por intencionalidade. Não se entrará no mérito da discussão sobre as razões que levaram os intérpretes a adotarem esta e não outra tradução, o que se distanciaria do propósito deste artigo. Apenas tentar-se-á aproximar o termo escolhido na tradução ao sentido no qual Husserl parece vincular ao seu correspondente em alemão.

³ *Intenção*: ação de entesar, de estender, tensão, pressão, esforço; plano, intenção, vontade. In: HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 1631.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 1	Junho 2010	p. 120-138
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

psicologismo brentariano, o que se encontra é uma miscelânea de significados que culminam na interpretação de Husserl. Deve-se enfatizar, entretanto, que a retomada da noção de intencionalidade pelo fenomenólogo não é uma forma de continuidade nem da tradição medieval, nem da concepção brentarianiana. O que Husserl faz, na realidade, é empreender o retorno da *intentio* e reapresentá-la como inseparável da ação do conhecimento: “Pertence à essência das vivências de conhecimento (*Erkenntniserlebnisse*) ter uma *intentio*, significar alguma coisa, referir-se a uma objetividade.”⁴. Através deste artigo, buscamos demonstrar que este novo sentido introduzido pela fenomenologia à noção de intencionalidade a distanciará muito das acepções morais ou mesmo psicológicas anteriormente empregadas.

Intentio no período medieval

A partir do estudo realizado por Muralt na obra *A metafísica do fenômeno: As origens medievais e a elaboração do pensamento fenomenológico* se pode verificar a evolução do conceito de intencionalidade antes da retomada husserliana. Segundo Muralt, uma das primeiras dificuldades para a compreensão da noção de intencionalidade adquirida dos escolásticos consiste no fato de que tal noção é retirada de uma significação estritamente moral, portanto, de uma acepção realista, que difere, como se verá a seguir, da concepção husserliana. Na noção de *intentio* encontrada em Tomás de Aquino (1225-1274), por exemplo, vemos que “[...] a intenção é a tendência da vontade para um fim real. A intenção quer *ter* a coisa desejada; ela não a possui, ainda não a desfruta realmente, *in re*, mas a possui em sua tendência mesma, incoativamente.”⁵. Assim, o objeto desejado (nesse caso moral) não fora ainda adquirido realmente, mas apenas potencialmente na mente de quem o deseja. A intenção deseja possuir o objeto, deseja concluir o que em potência já está na consciência, é uma constante busca pelo *télos* da intenção. Continua Muralt a respeito do pensamento tomista:

Toda a vida moral é, assim, descrita como a tendência de uma vontade para um fim, como a realização dos meios que permitem atingir tal fim e,

⁴ HUSSERL, E. *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie*. Erstes Buch. Netherlands: Martinus Nijhoff Publishers, 1950, p. 55. Tradução minha.

⁵ MURALT, A. *A metafísica do fenômeno: as origens medievais e a elaboração do pensamento fenomenológico*. Tradução: Paula Martins. São Paulo: Editora 34, 1998, p. 63.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 1	Junho 2010	p. 120-138
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

finalmente, como a posse desse fim. Ela é, portanto, um movimento de aperfeiçoamento que parte de um estado de imperfeição indeterminada e chega a um estado de perfeição plenamente acabada⁶.

No momento em que se começa a entender a intenção como movimento que parte de um estado de imperfeição em busca da perfeição plena, o debate assume novas proporções e os escolásticos levam a discussão para o campo da gnosiologia, entendendo que “também a inteligência tende para um objeto”. Assim, afirma Muralt: “Por isso o conhecimento foi definido como uma intenção, uma tendência da inteligência especulativa para um objeto.”⁷.

Embora a pergunta sobre o que é conhecimento seja basicamente moderna, isto é, aparece como ruptura com a questão ontológica iniciada pela filosofia pré-socrática, não se pode negar que o conhecimento sempre constituiu o objeto mais estimado do pensamento filosófico em todo o período da história da filosofia. Podemos dizer que para os escolásticos o conhecimento é o resultado da síntese entre objeto e potência, ou seja, a faculdade intelectual se encontra num estado de imperfeição potencial e tende, almeja alcançar o objeto cognoscível. Neste sentido, afirma ainda Muralt:

O conhecimento apreende seu objeto nela [na intenção], incorpora-se a ela e lhe dá uma existência imanente diferente da existência real, e é nessa existência imanente, de algum modo ideal, que ela se completa a partir de agora. A intencionalidade torna-se, portanto, uma tendência da consciência para a representação e, como esta representa o objeto, a consciência é remetida ao objeto que ela não possui realmente⁸.

Para os medievais, há uma sutil diferença entre a intencionalidade moral e a intelectual ou cognoscível. O ato moral, inclinado pela volição humana, atinge um objeto real, em contrapartida, o ato intelectual chega apenas ao conceito ou à representação na mente. Dessa forma, se salva, para a escolástica, a posse imediata de Deus: de Deus só se pode obter uma representação não sensível, logo, só se atinge o conceito. Tal problemática será respondida por Tomás de Aquino com a alegação de que o conceito como finalidade do ato cognoscível é

⁶ MURALT, A. *A metafísica do fenômeno: as origens medievais e a elaboração do pensamento fenomenológico*. Tradução: Paula Martins. São Paulo: Editora 34, 1998, p. 63-64.

⁷ MURALT, A. *A metafísica do fenômeno: as origens medievais e a elaboração do pensamento fenomenológico*. Tradução: Paula Martins. São Paulo: Editora 34, 1998, p. 64.

⁸ MURALT, A. *A metafísica do fenômeno: as origens medievais e a elaboração do pensamento fenomenológico*. Tradução: Paula Martins. São Paulo: Editora 34, 1998, p. 65.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 1	Junho 2010	p. 120-138
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

inquestionavelmente a representação do objeto intencional e somente através do conceito, a inteligência atinge o objeto mesmo, ou seja, a essência⁹.

Intencionalidade brentaniana¹⁰

Se, na Escolástica, *intentio* significava o objeto ao qual o desejo ou a inteligência tendiam obter ou possuir, isto é, aquilo que lhe faltava e que apontava para o aperfeiçoamento de si mesmo, Brentano afirma, exatamente, que a intencionalidade representará a característica fundamental dos fenômenos psíquicos, que sempre se referem a algo diferente de si.

Brentano utilizou a noção de intencionalidade na tentativa de descrever uma característica dos fenômenos psíquicos que propiciasse uma distinção clara destes frente aos fenômenos físicos. Segundo ele, tal característica poderia ser encontrada no fato de que os fenômenos psíquicos ou são representações ou têm por base representações. Afirma ele:

[...] designamos com o nome de fenômenos psíquicos, tanto as representações como todos aqueles fenômenos cujo fundamento está formado por representações. [...] Este ato de representar forma o fundamento, não apenas do julgar, mas também do apetecer e de qualquer outro ato psíquico. Nada pode ser julgado, nada tão pouco apetecido, nada esperado ou temido, se não é representado¹¹.

Na concepção de Brentano, “tal como usamos a palavra ‘representar’, pode-se dizer que ‘ser representado’ significa o mesmo que ‘aparecer’, ‘ser fenômeno’.”¹². Ele entendia que o fenômeno mental continha como particularidade exclusiva um objeto em si mesmo, o qual, por sua vez, não possuía uma realidade exterior à representação. Tais objetos seriam

⁹ Na obra de Muralt aparecem ainda abordadas duas outras escolas medievais que desenvolvem o conceito de intencionalidade, a de Duns Scot (1265-1308) e de Francisco Suárez (1548-1617); entretanto, reconhecendo a preponderância do pensamento tomista em relação aos demais, não se tratará delas no presente estudo. A este respeito ver mais a própria obra de Muralt, 1998.

¹⁰ Franz Brentano (1838-1914) foi professor na universidade de Viena, onde Husserl foi seu aluno entre os anos de 1884 e 1886. Com sua obra *A psicologia de um ponto de vista empírico*, de 1874, foi considerado um dos fundadores da psicologia moderna, emancipada da filosofia.

¹¹ BRENTANO, F. *Psicologia desde um ponto de vista empírico*. Tradução: José Gaos. Madri: Revista de Occidente, 1935, p. 65. Essa tradução, assim como as seguintes da mesma obra, são todas de minha própria autoria.

¹² BRENTANO, F. *Psicologia desde um ponto de vista empírico*. Tradução: José Gaos. Madri: Revista de Occidente, 1935, p. 68.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 1	Junho 2010	p. 120-138
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

caracterizados por uma inexistência intencional (*mentale In-Existenz*), de modo que, por possuírem uma relação interna com o ato, não existem exceto nessa relação. Neste sentido, deveriam ser entendidos como *objetividades imanentes* (*immanente Gegenständlichkeiten*) no sentido escolástico do termo. Afirma Brentano:

Todo fenômeno psíquico está caracterizado pelo que os escolásticos da Idade Média haviam chamado a inexistência intencional (ou mental) de um objeto, e que nós chamaremos, com expressões não inteiramente inequívocas, a referência a um conteúdo, a direção até um objeto (pelo qual não se deve entender aqui uma realidade), ou a objetividade imanente. Todo fenômeno psíquico contém em si algo como seu objeto, se bem que não todos no mesmo sentido¹³.

A doutrina da intencionalidade, no pensamento de Brentano, fundamenta um dos princípios básicos de sua *psicologia do ato* (*act-psychology*)¹⁴, a qual tem como axioma a indissociabilidade entre pensamento e ação. O filósofo propunha através do conceito de intencionalidade que o fenômeno psíquico se estabelecesse não como conteúdo, mas, sim, como ação. Segundo Ramón, de acordo com a concepção brentaniana, “[...] a consciência é sinônimo dos atos psíquicos pelos quais o sujeito dá significado aos objetos do seu mundo relacional. E, a partir dessa representação ideacional interna, chamada intencional, o sujeito dirige sua conduta adaptativa.”¹⁵. Desse modo, acrescenta ele, haveria uma “direcionalidade ou intencionalidade do pensamento na condução do comportamento humano, junto com a natureza cognitiva de todos os fenômenos psíquicos [...]”¹⁶.

Pode-se constatar que a abordagem brentaniana do tema está focada numa forma de apreensão psicológica da intencionalidade, na medida em que esta é compreendida como característica inerente aos fenômenos *internos*. Ver-se-á que, para Husserl, tal compreensão será considerada insuficiente a partir do momento em que se estabelece a independência do âmbito ideal com relação aos eventos psíquicos do homem concreto.

¹³ BRENTANO, F. *Psicologia desde um punto de vista empírico*. Tradução: José Gaos. Madri: Revista de Occidente, 1935, p. 81-82.

¹⁴ Conf. RAMÓN, S. P. “A importância da *Act-Psychology* de Franz Brentano”. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. V.XIX/n.2 (2006), p.340-345. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/prc/v19n2/a21v19n2.pdf>. Acesso em: 13 de maio de 2010, p. 340.

¹⁵ RAMÓN, S. P. “A importância da *Act-Psychology* de Franz Brentano”. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. V.XIX/n.2 (2006), p. 340-345. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/prc/v19n2/a21v19n2.pdf>. Acesso em: 13 de maio de 2010, p. 341.

¹⁶ RAMÓN, S. P. “A importância da *Act-Psychology* de Franz Brentano”. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. V.XIX/n.2 (2006), p.340-345. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/prc/v19n2/a21v19n2.pdf>. Acesso em: 13 de maio de 2010, p. 341.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 1	Junho 2010	p. 120-138
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

Intencionalidade husserliana

A conotação husserliana dada ao termo *intencionalidade*, embora seja herdeira da concepção de Brentano, difere desta, sobretudo, por estar influenciada, paralelamente, por um grupo de pensadores que defendiam, em alguns pontos, a necessidade de se reconhecer o caráter ideal da lógica e da matemática. Pode-se citar como representantes dessa segunda linha argumentativa autores, entre os quais se encontram aqueles cuja influência foi assumida pelo próprio Husserl nas discussões desenvolvidas por ele no texto das *Investigações*, como Leibniz (1646-1716), com sua distinção entre *verdades de fato e verdades de razão*¹⁷, Bolzano (1781-1848), com sua concepção das *verdades e proposições em si*¹⁸, e Frege (1848-1925), principalmente a partir de sua crítica¹⁹ dirigida à *Filosofia da Aritmética*²⁰ de Husserl em 1894. Tais pensadores podem ser apontados como representantes de um modo de pensamento no qual, em traços gerais, se defendia a necessidade do reconhecimento da lógica e da matemática como disciplinas objetivas radicalmente independentes das ciências empíricas. Tal independência se referirá também à psicologia, no modo como esta era desenvolvida em fins do século XIX: uma ciência empírica que, em obediência ao ideal positivista, propunha fundamentar os atos psíquicos em dados experimentais e observáveis.

Necessário é reconhecer que o século XIX foi palco de infindáveis debates acerca dos fundamentos das ciências e do conhecimento em geral, assim como foi também extremamente fecundo no domínio das investigações lógicas e epistemológicas, principalmente no que concerne ao âmbito prático e teórico de algumas ciências particulares como a biologia e a psicologia. Neste sentido, se acredita ser de significativa importância a vivência desse contexto intelectual na formação do pensamento de Husserl, na medida que é em meio a este cenário de discussões *fundacionistas*, que têm início as reflexões husserlianas. Tal

¹⁷ Cf. HUSSERL, E. *Investigaciones Lógicas*, 1. Tradução: Manuel Garcia Morente e José Gaos. Madri: Revista de Occidente, 1929, p. 185-187.

¹⁸ Cf. HUSSERL, E. *Investigaciones Lógicas*, 1. Tradução: Manuel Garcia Morente e José Gaos. Madri: Revista de Occidente, 1929, pp. 188-190. No capítulo 10 dos *Prolegômenos*, Husserl apresenta os autores com cujas teorias sua concepção acerca da lógica guarda proximidade: em primeiro lugar, Leibniz e Bolzano; em segundo lugar, Herbart e seus discípulos Drobisch e Lotze; e, por fim, Kant.

¹⁹ Cf. FREGE, G. Rezension von: E. G. Husserl, *Philosophie der Arithmetik I*. In: *Zeitschrift für Philosophie und philosophische Kritik*, 1894. (*apud* MORAN, Dermot. *Introduction* [Introdução à edição inglesa das *Investigações Lógicas*]. In: HUSSERL, Edmund. *Logical Investigations*. Tradução: J. N. Findlay. London: Routledge, 2001).

²⁰ A obra *Filosofia da Aritmética* (*Philosophie der Arithmetik*) de Husserl foi publicada em 1891 e constitui seu primeiro trabalho de caráter propriamente filosófico. Ela é, na verdade, a retomada da sua tese de habilitação para a docência em Halle, “*Sobre o conceito de número*” (*Über den Begriff der Zahl*), de 1887.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 1	Junho 2010	p. 120-138
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

pensamento é marcado por uma tendência psicológico-descritiva que, posteriormente, se radicaliza e se desdobra numa postura assumidamente ideal-fenomenológica, até atingir seu ápice com a formulação da fenomenologia transcendental.

Sabe-se que, por possuir uma formação acadêmica na área matemática, os estudos de Husserl concernentes às suas primeiras preocupações genuinamente filosóficas surgiram com intuito de determinar um fundamento epistemológico seguro para tal ciência, a matemática²¹. Este interesse inicial se desenvolve sob influência das aulas de Brentano sobre a psicologia, curso que frequentou entre os anos de 1884 a 1886. A característica principal desta fase do pensamento husserliano, que pode ser denominada pré-fenomenológica, é o procedimento da análise genético-psicológica dos conceitos matemáticos. O objetivo era encontrar o fundamento da ciência aritmética na atividade subjetiva da consciência, concentrando-se, sobretudo, na análise dos atos psicológicos constitutivos dos conceitos matemáticos fundamentais, tais como número, multiplicidade, unidade. Em sua obra *Filosofia da Aritmética*, publicada em 1891, se percebem claramente os parâmetros daquela tendência epistemológica predominante dos lógicos de sua época, tendência que será caracterizada posteriormente por Husserl, nas *Investigações, de psicologismo (Psychologismus)*.

Neste momento em que a psicologia, tal como desenvolvida na segunda metade do século XIX, com um caráter empírico e naturalista de abordagem dos fenômenos psíquicos, começa a ganhar espaço e a influenciar consideravelmente as concepções filosóficas de diversos autores da época, se percebe, em contrapartida, a insistente permanência de uma linha interpretativa contrária a esta. Tal linha defende, em seus traços gerais, que a objetividade da matemática e das leis lógicas, por exemplo, são eliminadas no instante em que são reduzidas a produtos da atividade psíquica. É neste contexto que surge a renomada crítica de Frege endereçada à *Filosofia da Aritmética*. Em tal crítica, Husserl é acusado de cair nos mesmos erros psicologistas de restringir o conceito objetivo de número às operações subjetivas da consciência, o que, na perspectiva fregeana, configurava uma ambiguidade.

Fortemente influenciado por esta crítica, Husserl abandona o projeto de fundamentação da matemática a partir dos pressupostos empírico-psicológicos que tanto o haviam entusiasmado inicialmente, passando a se dedicar intensamente aos estudos de lógica.

²¹ A primeira tentativa husserliana de uma fundamentação da matemática se encontra na sua *Filosofia da Aritmética*.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 1	Junho 2010	p. 120-138
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

A este respeito, afirma ele no prefácio à primeira edição das *Investigações*, obra publicada quase uma década após a divulgação de sua *Filosofia da Aritmética*:

Eu havia partido da convicção imperante de que da psicologia é que deveria surgir a explicação filosófica da lógica das ciências dedutivas, assim como de toda lógica em geral. [...] Totalmente abandonado pela lógica, em todos os pontos em que esperava dela esclarecimentos referentes a questões específicas que lhe tinha para fazer, me encontrei forçado, finalmente, a adiar por completo minhas investigações filosófico-matemáticas, até chegar a conseguir uma clareza segura acerca das questões fundamentais da teoria do conhecimento e na compreensão crítica da lógica como ciência²².

Somente nos *Prolegômenos à Lógica Pura*, primeiro volume das *Investigações*, é que Husserl desenvolve sua recusa completa e definitiva das premissas e teorias psicologistas. Debatendo diretamente com os representantes mais renomados desta corrente, a argumentação husserliana vai de encontro às principais teses psicologistas, demonstrando as incoerências internas e a falta de distinções essenciais próprias dessas teorias tão difundidas na época. É também no texto das *Investigações*, mais especificamente na *Investigação V*, que Husserl apresentará uma formulação da noção de intencionalidade já modificada, em certo sentido, da acepção utilizada por seu mestre Brentano.

Husserl enaltece a grande contribuição efetuada por Brentano à psicologia descritiva com relação à delimitação e definição de seu domínio de investigação, principalmente a partir da determinação de fenômenos psíquicos e sua distinção entre estes e os fenômenos físicos, embora afirme não concordar plenamente com ela²³. Na perspectiva husserliana, quando Brentano, na busca por descrever o que caracterizava o fenômeno psíquico frente ao físico, lançou mão da concepção escolástica da referência intencional da consciência a um objeto, acenou certamente para a essência dos fenômenos psíquicos ou atos. Assim,

Este “modo da referência da consciência a um conteúdo” [...] é na representação o representativo, no juízo o judicativo, etc. O ensaio brentano de classificação dos fenômenos psíquicos em representações, juízos e emoções (“fenômenos de amor e de ódio”), se funda, como se sabe, nestes modos de referência, dos quais Brentano distingue três espécies

²² HUSSERL, E. *Investigaciones Lógicas*, 1. Tradução: Manuel Garcia Morente e José Gaos. Madri: Revista de Occidente, 1929, p. 22. Essa tradução, assim como as seguintes dessa obra, são todas de minha própria autoria.

²³ Conf. HUSSERL, E. *Investigaciones Lógicas*, 1. Tradução: Manuel Garcia Morente e José Gaos. Madri: Revista de Occidente, 1929, p. 489.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 1	Junho 2010	p. 120-138
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

radicalmente distintas, que se especificam eventualmente de múltiplas maneiras²⁴.

Não interessará para a fenomenologia das *Investigações*, segundo Husserl, saber se tal caracterização efetuada segundo os critérios brentanianos é exata ou apropriada no que diz respeito ao âmbito da psicologia, mas o importante será reconhecer que “há diversas modalidades específicas essenciais de referência intencional, ou, resumidamente, da intenção que constitui o caráter descritivo do gênero ‘ato’.”²⁵, e não apenas três, como sugeria Brentano. O fenomenólogo afirmará que os tipos de intenção são tão numerosos quanto os modos possíveis de intencionar objetos e que estes são, na maior parte das vezes, atos complexos. Assegura ele a esse respeito:

Se não todos, a maioria dos atos são certamente vivências complexas, e as intenções mesmas são, além disso, múltiplas com grande frequência. As intenções afetivas se edificam sobre intenções representativas ou judicativas, etc. [...] Há espécies e subespécies essencialmente distintas de intenções²⁶.

Ainda podemos apontar uma segunda definição de fenômeno psíquico, assinalada por Brentano, com a qual Husserl debaterá. Consiste na afirmação brentaniana de que tal fenômeno: ou consiste em ser uma representação ou tem por base uma representação. Husserl admite tal definição, embora guarde restrições. A divergência gira em torno da acepção dada à noção de *representação*, discussão que, acredita-se, consiste no ponto nevrálgico da reflexão husserliana, donde resultará o inédito desenvolvimento e formulação da concepção fenomenológica sobre a intencionalidade.

Husserl não deixa de sublinhar que a referência intencional, entendida como característica fundamental dos *fenômenos ou atos psíquicos*, corresponde a uma definição essencial de *vivência intencional*, mas acentua a necessidade de se esclarecer melhor o que se pretende definir sob a noção de *fenômenos ou atos psíquicos*. Pode-se dizer que tanto Husserl, no texto das *Investigações*, bem como Brentano, em sua *Psicologia desde um ponto de vista empírico*, direcionam o foco de suas análises àquilo que eles nomearam *fenômenos psíquicos*,

²⁴ HUSSERL, E. *Investigaciones Lógicas*, 1. Tradução: Manuel Garcia Morente e José Gaos. Madri: Revista de Occidente, 1929, p. 491.

²⁵ HUSSERL, E. *Investigaciones Lógicas*, 1. Tradução: Manuel Garcia Morente e José Gaos. Madri: Revista de Occidente, 1929, p. 491.

²⁶ HUSSERL, E. *Investigaciones Lógicas*, 1. Tradução: Manuel Garcia Morente e José Gaos. Madri: Revista de Occidente, 1929, p. 491-492.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 1	Junho 2010	p. 120-138
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

na medida em que estes podem ser apreendidos pela percepção *interna*. Tal fato significa que o acesso ao objeto intencional se dá, para ambas as interpretações, em uma experiência imediata e que o percebido está imanente à consciência. Assim, embora para Brentano o objeto imanente não esteja contido como real na consciência, o sentido dado por ele ao conceito de imanência, na medida em que configura a característica específica dos fenômenos internos, não é plenamente acatado por Husserl. Para este último: “Caberia mostrar que nem todos os fenômenos psíquicos, [...] no sentido de Brentano, isto é, que nem todos são atos psíquicos; e de outro lado, que sob o título de ‘fenômenos físicos’ [...] se encontra um bom número de verdadeiros fenômenos psíquicos.”²⁷.

Afora estas restrições, se pode afirmar que a noção de consciência com que a fenomenologia das *Investigações* trabalha ainda é tributária de uma concepção rigorosamente psicológica. Nas palavras de Husserl:

O que se nos oferece aqui [sob o conceito brentano de fenômeno psíquico] é uma classe de vivências rigorosamente delimitadas e que abarca tudo o que caracteriza em certo sentido estrito a existência psíquica, consciente. [...] somente as vivências pertencentes a esta classe entram em consideração nas supremas ciências normativas; pois somente nelas cabe encontrar, apreendendo-as com pureza fenomenológica, as bases concretas para a abstração dos conceitos fundamentais, que representam seu papel sistemático na lógica, na ética e na estética, como conceitos com que se constroem as leis ideais destas disciplinas²⁸.

Pode-se verificar, com isso, que durante o período em que foi redigida e publicada a primeira edição das *Investigações*, Husserl ainda não distinguia claramente o domínio fenomenológico da consciência do domínio psicológico da mesma, ao menos não em relação a uma psicologia de caráter descritivo, como a realizada por Brentano. Tanto é verdade que esse foi o nome dado por Husserl à fenomenologia, naquela obra: o de uma psicologia descritiva²⁹, ressaltando apenas que não se tratava de uma *psicologia empírica*, mas *eidética*. Isto é, todo o discurso anti-psicologista desenvolvido pelo pensador alemão em tal obra corresponde manifestamente a um ataque não à Ciência Psicológica em geral, mas àquela psicologia genética e causal, conforme a avassaladora tendência positivista e empirista

²⁷ HUSSERL, E. *Investigaciones Lógicas*, 1. Tradução: Manuel Garcia Morente e José Gaos. Madri: Revista de Occidente, 1929, p. 489-490.

²⁸ HUSSERL, E. *Investigaciones Lógicas*, 1. Tradução: Manuel Garcia Morente e José Gaos. Madri: Revista de Occidente, 1929, p. 490.

²⁹ Como afirmado acima, na segunda nota, tal denominação foi repudiada e modificada pelo próprio Husserl em uma recensão escrita pelo autor em seguida à publicação da obra *Investigações*.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 1	Junho 2010	p. 120-138
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

predominante na segunda metade do século XIX, ou seja, àquelas concepções que se ocupavam da gênese do próprio psíquico a partir dos fundos somáticos ou, ainda, àquelas que se ocupavam das leis que regulam o acontecer dos fenômenos psíquicos, falando de faculdades, de leis de associação, e coisas semelhantes. Segundo Husserl, a Psicologia Descritiva, em contrapartida a essa interpretação, realizaria uma *abstração metódica* de tudo isso e teria como tarefa a descrição da estrutura dos atos em que as objetividades de toda a espécie são visadas e dadas. A este respeito afirma Alves:

Enquanto a psicologia dita “genética” tinha na pura descrição do teor real das vivências a sua etapa preparatória para a explicação natural-causal do psíquico, relativamente a essa co-apercepção do mundo e do eu – sempre envolvida na apreensão da vivência enquanto fato psíquico – e à determinação dos nexos causais edificáveis sobre tal co-apercepção, a fenomenologia, pelo seu lado, deveria permanecer neutral e manter-se, por via disso mesmo, no domínio restritivo daquelas “abstrações fundamentais nas quais”, precisamente, “o lógico capta com evidência os seus objetos e conexões ideais”³⁰.

A elucidação e fundamentação radical da lógica pura e da teoria do conhecimento em novos alicerces têm para Husserl, já nas *Investigações*, uma recusa em ver na referência à nossa organização psíquica o âmbito *apriórico* do ideal, embora fosse reconhecido que este último era vivido através dos atos psicológicos. Neste momento, a descrição da vivência psicológica real era ainda requerida para a fixação das unidades ideais da lógica, mas apenas no sentido de um exemplo singular, através do qual se abriria acesso à tipicidade dos seus modos, nomeadamente, a essência universal correspondente. Na perspectiva de Santos:

[...] a partir das Investigações Lógicas, uma vez refutado o psicologismo, o primado cabe à lógica e às estruturas ideais, que recobram a sua autonomia em face dos atos psicológicos. [...] As estruturas lógicas, enquanto unidades ideais, permanecem ‘fixas’ ou idênticas a si mesmas, ao passo que os atos psicológicos se transformam constantemente, como elementos reais e singulares³¹.

³⁰ ALVES, P. M. S. *Subjectividade e tempo na fenomenologia de Husserl*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2003, p. 274.

³¹ SANTOS, J. H. *Do empirismo à fenomenologia: a crítica antipsicologista de Husserl e a idéia da lógica pura*. Braga: Livraria Cruz, 1973, p. 105-106.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 1	Junho 2010	p. 120-138
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

Segundo tal acepção, o conhecimento não seria objetivo por estar baseado na gênese psicofísica do objeto real, mas justamente por que poderia ser apreendido em suas propriedades essenciais.

Para atingir tais fins, se fazia mister um *método* que alçasse a análise ao plano da experiência do ideal – aquilo que o empirismo e o psicologismo lógico recusavam e o que nenhuma ciência empírica poderia fazer. Tal método viria responder a uma exigência do próprio âmbito ideal: “Ao afastar a possibilidade das teses psicológicas, extraíndo-lhes as conseqüências cépticas e absurdas, Husserl procede à libertação do ser ideal que se encontrava encoberto pelo desempenho do ser real (psíquico).”³². A operação metódica, desenvolvida por Husserl neste período, para alçar a esta teoria da consciência em sede psicológica foi denominada *redução eidética*. Tal operação, aplicada sobre os atos intencionais, estava destinada a tornar patente a sua estrutura essencial própria através de “uma tripla idealização [que] convertia os atos contingentes do julgar em espécies de ato, as espécies em singularidades ideais, e estas num sistema fechado sobre si possuindo uma completude também ela ideal”³³.

Já, entretanto, na segunda edição da obra, realizada em 1913, juntamente com a publicação de *Idéias I*, Husserl confessa textualmente o equívoco que teria cometido ao correlacionar os dois tipos de investigação. Assim, no prefácio à segunda edição ele afirma, se referindo à primeira:

A descrição psicológica, realizada na experiência interna, aparece equiparada à descrição dos processos externos da natureza, realizada na experiência externa, entretanto, por outro lado, é colocada em oposição à descrição fenomenológica, na qual permanecem completamente excluídas todas as interpretações transcendentes dos dados imanentes, inclusive aquelas que fazem deles “atividades e estados psíquicos” de um eu real. As descrições da fenomenologia [...] “não se referem às vivências ou a classes de vivências de pessoas empíricas, pois a fenomenologia não sabe nada nem conjectura nada de pessoas, das minhas vivências ou de outros; a fenomenologia não levanta questões, nem visa determinações, nem cria hipóteses sobre nada semelhante”³⁴.

³² SANTOS, J. H. *Do empirismo à fenomenologia: a crítica antipsicologista de Husserl e a idéia da lógica pura*. Braga: Livraria Cruz, 1973, p. 103.

³³ ALVES, P. M. S. *Subjectividade e tempo na fenomenologia de Husserl*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2003, p. 274.

³⁴ HUSSERL, E. *Investigaciones Lógicas*, 1. Tradução: Manuel Garcia Morente e José Gaos. Madri: Revista de Occidente, 1929, p. 23. As citações aparecem no texto original e se referem, segundo Husserl, ao texto publicado por ele numa recensão no *Arquivo de filosofia sistemática*, v. XI, 1903, p. 399.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 1	Junho 2010	p. 120-138
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

A noção de consciência com a qual a Fenomenologia trabalhará (a partir de uma radicalização de seu próprio tema) não será mais circunscrita como uma realidade psicológica, mas, antes, como a possibilidade transcendental de toda a experiência. As vivências intencionais são libertas da apercepção psicológica que as concebe como fatos psíquicos e, deste modo, como fatos de um mundo. Estas passam a ser apreendidas como fenômenos puros, como formas essenciais da consciência de objetos, independentes da fatualidade contingente do objeto empírico-real. A este respeito, afirma Moura:

Se, em 1901, a divisão brentiana de todos os fenômenos em físicos e psíquicos era considerada por Husserl como a “mais notável” e filosoficamente a “mais importante”, em 1906 ele já protestará contra a idéia, vista agora como “pseudo-evidente”, oriunda do “pensamento natural”, de que todo e qualquer dado é ou físico ou psíquico. Rompendo com esse pressuposto, garante Husserl, a redução fenomenológica pode mostrar como a palavra consciência “perde todo sentido psicológico [...]”³⁵.

Tal abordagem desemboca numa radicalização também do método fenomenológico. Em lugar de uma redução eidética, que propunha simplesmente uma *abstração* em relação à contingência e singularidade do curso da consciência, o novo programa fenomenológico passa a requerer agora a desativação, ou ainda, a suspensão da apercepção mundana. Esta viria a se tornar possível através de uma mudança de *atitude* (*Einstellung*) face às vivências intencionais, a qual Husserl caracteriza pela primeira vez nas *Cinco Lições de 1907*, publicadas sob o título *A idéia da fenomenologia, redução fenomenológica*³⁶.

Neste sentido, se torna patente o motivo pelo qual a noção de intencionalidade, conforme foi apresentada nas *Investigações*, ainda não era problematizada de modo pleno. A exposição desenvolvida em tal obra, principalmente na primeira edição, abarcava apenas o lado *noético*³⁷ da descrição, promovendo um retorno do objeto até os seus variados modos de ser dado. A partir do momento em que Husserl passa a considerar o *objeto intencional* em sua *correlação* necessária e fundamental com a vivência intencional que o apreende é que ele

³⁵ MOURA, C. A. R. “Husserl: significação e fenômeno”. *Dois pontos*. V.III/n.1 (2006), p.37-61. <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/doispontos/article/view/5172/3889>>. Acesso em: 13 de maio de 2010, p. 45.

³⁶ HUSSERL, E. *A Idéia da Fenomenologia*. Tradução: Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 2000, p. 21-35, 50-80.

³⁷ Derivado do termo *noesis*. Refere-se ao âmbito dos atos intencionais por meio dos quais intencionamos as coisas.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 1	Junho 2010	p. 120-138
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

chega ao conceito de imanência intencional e, concomitantemente, à noção de *âmbito transcendental*.

Como tese incipiente e, ao mesmo tempo propulsora para este desdobramento da fenomenologia descritiva em fenomenologia transcendental, se pode citar a crítica que Husserl direciona à teoria dos signos ou das imagens na percepção, apresentada já nas *Investigações*. A perspectiva que Husserl pretende refutar em tal obra é de que, a vivência perceptiva de um objeto X transcendente qualquer deve variar de acordo com as estruturas psíquicas do ser que percebe, o que tem como consequência direta que o objeto dado no ato perceptivo corresponda a algo como uma imagem mental subjetiva, imanente à consciência que percebe³⁸.

A reflexão sobre a estrutura fundamental da vivência perceptiva está presente em toda a obra husserliana³⁹. Mesmo no período nomeado pré-transcendental, no qual Husserl ainda privilegiava a dimensão *noética* da intencionalidade, o modo de referência *direta* ao objeto intencional já era intensamente realçado. A doação de um objeto para a consciência terá sempre o sentido de uma apresentação do próprio objeto visado, e não o de uma imagem mental por intermédio da qual se inferiria a presença de um real X, o qual, conseqüentemente, se distinguiria da própria imagem apreendida através do ato perceptivo. O sentido da doação é de ser presença do objeto *ele mesmo*, e não de uma imagem ou de um signo que sugerisse sua existência e que pudesse variar conforme variassem as organizações psíquicas dos seres capazes de percepção. Segundo Husserl:

É um grave erro estabelecer uma distinção real entre os objetos “meramente imanes” ou “intencionais” e os objetos “transcendentes” ou “reais” que lhes corresponderiam eventualmente, ora se interprete essa distinção como uma distinção entre um signo ou uma imagem existente realmente na consciência e a coisa designada ou representada em imagem, ora se interprete o objeto imanente de outro modo qualquer, como um dado real da

³⁸ Cf. HUSSERL, E. *Investigaciones Lógicas*, 1. Tradução: Manuel Garcia Morente e José Gaos. Madri: Revista de Occidente, 1929, pp. 527-30.

³⁹ Conforme tal afirmação, considera Alves (2003, p. 280): “[...] a constância de tais problemas (de uma fenomenologia da percepção, da fantasia, da coisa) pode verificar-se pela sua presença nos ‘Estudos psicológicos de lógica elementar’, de 1894, com a tematização da diferença principal entre *Repräsentation* e *Anschauung*; pelo ensaio sobre ‘Fantasia e representação de imagem’, de 1898, dedicado ao problema mais geral da ‘relação entre representação perceptiva e da fantasia’; pela previsão de uma ‘segunda série’, consagrada à ‘fenomenologia da intuição’, que deveria complementar a ‘primeira série’ de estudos sobre a ‘fenomenologia e teoria do conhecimento’ que compunham a Segunda Parte das *Investigações*. [... também] pelo ciclo de lições de 1905 sobre os ‘Elementos capitais da fenomenologia e da teoria do conhecimento’, no qual se incluem as lições sobre a *Zeitbewusstseins* e onde, segundo o mesmo texto dos *Persönliche Aufzeichnungen*, se teriam produzido ‘os primeiros ensaios, altamente imperfeitos, para um tratamento sistemático’ daquela fenomenologia dos atos intuitivos de base que constituem o primeiro passo de uma ‘crítica da razão’.”

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 1	Junho 2010	p. 120-138
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

consciência [...]. O objeto intencional da representação é o mesmo que seu objeto real e – conforme o caso – que seu objeto exterior, e é um contrasenso distinguir entre ambos. O objeto transcendente não seria o objeto dessa representação, se não fosse seu objeto intencional. De suma, se compreende que esta é uma proposição meramente analítica⁴⁰.

Não tem sentido, portanto, de acordo com Husserl, distinguir objeto intencional de objeto real. O fenômeno mostra os objetos *naquilo que são*, ou seja, o objeto intencional é o mesmo objeto real. A noção de representação como imagem ou signo não servirá, deste modo, à fenomenologia por subverter o sentido próprio da vivência de percepção: de vivência que apreende *diretamente* o objeto presente, para uma vivência *indireta* que apenas tem acesso ao objeto mesmo através de um *reflexo* mediador figurativo ou simbólico. Tal entendimento se radicalizará ainda mais no momento em que Husserl abandonar sua interpretação psicológica da consciência e passar a considerar o aspecto propriamente *transcendental* da mesma. Sabe-se que isso ocorre a partir da reconsideração husserliana em relação às vivências puras da consciência que passam a incorporar também, além da descrição *noética* dos atos intencionais, uma descrição *noemática*, que diz respeito ao lado objetivo da intencionalidade. Tal análise se torna possível a partir da sistematização husserliana do método da *epoché* fenomenológica.

Conclusão

Percebe-se que é a própria noção de consciência que se modifica através da problematização husserliana. Numa concepção moderna da subjetividade, que tem sido denominada *predicamento egocêntrico*⁴¹, a consciência é entendida essencialmente como relação ou percepção de si mesmo e de seus estados internos, ou seja, como uma interioridade que se relaciona fundamentalmente com idéias ou representações. O acesso ao mundo dito *exterior* se daria através da produção de juízos ou inferências. A este respeito, considera Sokolowski:

⁴⁰ HUSSERL, E. *Investigaciones Lógicas*, 1. Tradução: Manuel Garcia Morente e José Gaos. Madri: Revista de Occidente, 1929, p. 529-530.

⁴¹ Cf. SOKOLOWSKI, R. *Introdução à fenomenologia*. Tradução: Alfredo de Oliveira Moraes. São Paulo: Edições Loyola, 2004, p. 18-20.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 1	Junho 2010	p. 120-138
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

A consciência é tomada por ser como uma ilusão ou um gabinete fechado; a mente vem em uma caixa. Impressões e conceitos ocorrem neste espaço fechado, neste círculo de idéias e experiências, e nossa consciência é direcionada a eles, não direcionada diretamente às coisas lá “fora”. Alcançamos as coisas somente raciocinando a partir de nossas impressões mentais, não porque as temos presentes para nós. Nossa consciência, primeiramente, e acima de tudo, não é “de” qualquer coisa mesmo (...); tudo de que podemos estar realmente certos de início é da existência de nossa própria consciência e dos estados dessa consciência⁴².

Conforme essa interpretação da experiência, o contato com o objeto experimentado nunca se daria diretamente, mas sempre indiretamente através de representações ou imagens que se formariam na mente provocadas pelas sensações, impressões ou excitações vindas de fora, ou seja, *exteriores* à própria consciência. Tal tese que, como se demonstrou acima, já era combatida por Husserl em 1900, se fundamenta essencialmente numa distinção estrita entre interior psicológico e exterior físico, e será esta, nomeadamente, a característica fundamental daquele modo de atuação que será denominado pela fenomenologia transcendental de atitude natural (*natürliche Einstellung*) em relação ao mundo.

Esta concepção está fundamentada sob uma tese de fundo que concebe o mundo através da oposição entre duas “regiões de seres”⁴³. Tal *dualismo* torna natural ou, até mesmo, inevitável uma linguagem representacional, a qual promove a ligação entre o *interior* psicológico e o *exterior* empírico. Nesta *atitude ingênua*, o problema mais importante se remeterá então à questão sobre o valor objetivo das representações. Ao conceber a subjetividade cognoscente como uma esfera psicológica, obtida por abstração do corpo, o psicologismo termina então por admiti-la como oposta a outra *região*, a do mundo empírico-físico. Segundo Moura, “[...] a independência da subjetividade em relação ao mundo será interpretada como a separação (*Trennung*) entre duas substâncias.”⁴⁴.

Na tentativa de superar tal paradoxo e alcançar o âmbito originário de encontro com o mundo, Husserl sugerirá uma nova postura diante das questões levantadas. Tal postura, nomeadamente fenomenológico-transcendental, propõe um exercício de reflexão radical que deverá se debruçar sobre as operações fundantes presentes de modo oculto e não tematizado

⁴² SOKOLOWSKI, R. *Introdução à fenomenologia*. Tradução: Alfredo de Oliveira Moraes. São Paulo: Edições Loyola, 2004, p. 18.

⁴³ Cf. MOURA, C. A. R.. “Cartesianismo e fenomenologia: exame de paternidade”. *Analytica*. Vol.III/n.1 (1998), p.195-218. Disponível em: <<http://www.analytica.inf.br/analytica/diagramados/33.pdf>>. Acesso em: 13 de maio de 2010.

⁴⁴ MOURA, C. A. R.. “Cartesianismo e fenomenologia: exame de paternidade”. *Analytica*. Vol.III/n.1 (1998), p.195-218. Disponível em: <<http://www.analytica.inf.br/analytica/diagramados/33.pdf>>. Acesso em: 13 de maio de 2010, p. 197.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 1	Junho 2010	p. 120-138
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

no agir natural como um todo. O intuito será de explicitá-las e colocá-las à mostra. O fenomenólogo defende que somente através de tal mudança de foco, poder-se-á abrir acesso inaugural ao solo fenomenológico de investigação, no qual as próprias questões se radicalizam e assumem novos contornos de sentido. Entretanto, a análise desta nova atitude, a saber atitude transcendental (*philosophische Einstellung*) de investigação, foge aos propósitos deste artigo.

Com a demonstração das configurações e consequentes reformulações da noção de intencionalidade, fica patente que sua compreensão determina reciprocamente uma concepção de consciência que não corresponde mais aos critérios modernos de determinação da mesma como *interioridade psíquica*. Acreditamos que a especificidade que circunscreve a região da consciência em sua acepção fenomenológica, funda e sustenta os supostos ontológicos do pensamento husserliano, os quais o levam a afirmar a fenomenologia, ao menos a partir de 1913 com a publicação da obra *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*, como idealismo transcendental.

Referências

- ALVES, P. M. S. *Subjectividade e tempo na fenomenologia de Husserl*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2003.
- BRENTANO, F. *Psicologia desde um ponto de vista empírico*. Tradução: José Gaos. Madri: Revista de Occidente, 1935.
- HUSSERL, E. *A Idéia da Fenomenologia*. Tradução: Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 2000.
- _____. *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie*. Erstes Buch. Netherlands: Martinus Nijhoff Publishers, 1950.
- _____. *Idéias para uma Fenomenologia Pura e para uma Filosofia Fenomenológica: Introdução geral à fenomenologia pura*. Tradução: Márcio Suzuki. Aparecida: Idéias & Letras, 2006.
- _____. *Investigaciones Lógicas*, 1 e 2. Tradução: Manuel Garcia Morente e José Gaos. Madri: Revista de Occidente, 1929.
- _____. *Logical Investigations*. Tradução: J. N. Findlay. London: Routledge, 2001.
- INTENÇÃO. In: HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p.1631.
- MOURA, C. A. R.. “Cartesianismo e fenomenologia: exame de paternidade”. *Analytica*. Vol.III/n.1 (1998), p.195-218. Disponível em: <<http://www.analytica.inf.br/analytica/diagramados/33.pdf>>. Acesso em: 13 de maio de 2010.
- _____. “Husserl: significação e fenômeno”. *Dois pontos*. V.III/n.1 (2006), p.37-61. <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/doisPontos/article/view/5172/3889>>. Acesso em: 13 de maio de 2010.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 1	Junho 2010	p. 120-138
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

- MURALT, A. *A metafísica do fenômeno: as origens medievais e a elaboração do pensamento fenomenológico*. Tradução: Paula Martins. São Paulo: Editora 34, 1998.
- RAMÓN, S. P. “A importância da *Act-Psychology* de Franz Brentano”. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. V.XIX/n.2 (2006), p.340-345. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/prc/v19n2/a21v19n2.pdf>. Acesso em: 13 de maio de 2010.
- SANTOS, J. H. *Do empirismo à fenomenologia: a crítica antipsicologista de Husserl e a idéia da lógica pura*. Braga: Livraria Cruz, 1973.
- SOKOLOWSKI, R. *Introdução à fenomenologia*. Tradução: Alfredo de Oliveira Moraes. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 1	Junho 2010	p. 120-138
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------